



REPRESENTAÇÃO E RECORDAÇÕES DA MALANDRAGEM EM *MEMÓRIAS DE MADAME SATÃ*, DE SYLVAN PAEZZO

Victória Nantes Marinho Adorno – nantes29victoria@gmail.com
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil;
<https://orcid.org/0000-0001-6965-9362>
<http://lattes.cnpq.br/7013954279483510>

Andre Rezende Benatti – andre_benatti29@hotmail.com
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil;
<https://orcid.org/0000-0001-8909-8347>
<http://lattes.cnpq.br/8908183939079152>

RESUMO: No livro intitulado *Memórias de Madame Satã* (1972), de Sylvan Paezzo, o protagonista narra a sua história para o próprio jornalista Sylvan Paezzo. Apelidado de Madame Satã, enfrentou o racismo e o preconceito por ser negro, artista e transexual. E devido as suas vivências recebeu alcunha de malandro, o malandro segundo Antonio Candido (1970), é um indivíduo que vive fora das normas estabelecidas pela sociedade, situando-se entre a ordem e a desordem. João Francisco dos Santos relata em detalhes os fatos vivenciados, ou seja, aciona a sua memória para contar sobre sua vida, Le Goff (1990) afirma que a memória é uma propriedade que armazena informações e um conjunto de funções psíquicas, na qual o homem pode atualizar os conhecimentos e experiências. Considerando esses aspectos a pesquisa objetivou analisar a representação do malandro no livro *Memórias de Madame Satã* (1972), de Sylvan Paezzo, identificando a construção da personagem, as memórias e sua representação na sociedade brasileira como malandro, artista e pessoa. Portanto, de cunho bibliográfico, a pesquisa possui como suporte teórico, os estudos de Antonio Candido (1970), DaMatta (1997), Roberto Schwarz (1987), Roberto Schwarz (1987), Le Goff (1990), Pierre Nora (1978), Maurice Halbwachs (2013), François Dosse (2015), Zilá Bernd (2017), dentre outros. Efetuadas as análises, comprovamos que Madame Satã é uma legítima malandra, criada na Lapa, moldada pela sociedade, na qual necessitou utilizar os atos da malandragem para sobreviver perante uma sociedade preconceituosa.

PALAVRAS-CHAVE: Madame Satã; Memórias; Malandragem; Representação.

1 INTRODUÇÃO

Uma dupla via abre-se assim: uma que pensa a construção das identidades sociais como resultando sempre de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma; outra que considera o recorte social objetivado como a tradução do crédito conferido à representação que cada grupo dá de si mesmo, logo a sua capacidade de fazer reconhecer sua existência a partir de uma demonstração de unidade (CHARTIER, 1991, p. 183).

A memória constrói a identidade do indivíduo, armazenando informações e experiência, conforme o trecho de Chartier é através do conflito dessas duas vias que melhor podemos representar o mundo e consequentemente um sujeito, partindo desse princípio que este artigo se debruça pelo livro

Memórias de Madame Satã (1972), de Sylvan Paezzo, onde o protagonista narra a sua história para o próprio jornalista Sylvan Paezzo. João Francisco dos Santos relata toda sua vida, compartilhando em detalhes os fatos vivenciados. Apellido de Madame Satã, enfrentou o racismo e o preconceito por ser negro, artista e transexual. Por ter um gênio forte e não tolerar piadas preconceituosas e difamatórias se envolvia diversas vezes em brigas, dentre as quais permanecia preso por longos períodos, circunstâncias essas que o intitulavam como malandro.

O malandro, segundo Antonio Candido (1970), é um indivíduo que vive fora das normas estabelecidas pela sociedade, situando-se entre a ordem e a desordem. Trata-se de um anti-herói, que almeja a ascensão social e a riqueza, denunciando problemas sociais existentes na sociedade. Utiliza suas táticas para convencer as outras pessoas, não se importando com os meios empregados e acaba revelando traços da comunidade na qual está inserido, pois os atos de malandragem estão disseminados por toda a sociedade brasileira, atingindo o indivíduo, os grupos, as comunidades, os círculos políticos, entre outros.

Nesse sentido, Roberto Schwarz (1987) afirma que o malandro se enraizou na sociedade brasileira, apresentando comportamentos e traços dos indivíduos desta comunidade. Ainda segundo o teórico, a literatura capta essa realidade e a recria no plano ficcional. É necessário ainda levar em consideração que *Memórias de Madame Satã* é uma autobiografia e nessa cabe aspectos inerente ao gênero. Portanto, o texto biográfico representa os detalhamentos acerca dos fatos da vida de determinada pessoa.,

Nessa perspectiva, François Dosse (2015, p. 68) afirma que o “uso de “memórias, confissões ou registros autobiográficos é adotado de formas diversas nas biografias; dá a entender que se está mais próximo da restituição autêntica do passado”. Por esse fato, entende-se que as lembranças, relatos e confissões autobiográficas estão inseridas como características da biografia, pois aborda e demonstra situações do passado, validando as informações.

Considerando esses aspectos, a presente pesquisa tem o intuito de analisar a construção do personagem malandro e a representação da malandragem no livro *Memórias de Madame Satã* (1972), de Sylvan Paezzo. O personagem malandro na literatura brasileira tem sua importância ao representar criticamente os conflitos, as mazelas e as desigualdades sociais.

E para embasar os conceitos de malandro, memórias e representação, são articulados livros, textos levantados via pesquisa e analisados conforme os objetivos citados. Partiu do levantamento de textos críticos, que possuem como tema a malandragem: “Dialética da Malandragem”, de Antonio Candido (1970); Carnavais, malandro e heróis, de Roberto DaMatta (1990); Malandragem Revisitada, de Roberto Goto (1988); Que horas são? Ensaio, de Roberto Schwarz (1987), entre outros. Textos teóricos que definem a memória, *Persistência da Memória: Romances da anterioridade e seus modos de*

Transmissão intergeracional, Zilá Bernd (2018), *Memória* por Le Goff (1990), *Mémoire collective*, de Pierre Nora (1978), *A memória coletiva*, de Maurice Halbwachs (2013), *O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida* por François Dosse (2015), entre outros.

2 QUEM FOI MADAME SATÃ?

João Francisco dos Santos, popularmente conhecido como Madame Satã; nasceu na cidade de Glória do Goitá-Rio de Janeiro, no dia 25 de fevereiro de 1900. E desde muito pequeno enfrentou as adversidades da vida, aos 8 anos de idade foi trocado por eguinha, como narrado no trecho:

O seu Laureano pensou um pouco e acrescentou que se ela me desse ele dava uma eguinha em troca porque a senhora sabe que um animal tem mais força e ajuda mais que uma criança. E eu aflito de novo e minha mãe respondeu sim seu Laureano assim eu faço a troca. Pra dizer a verdade eu não sei bem o que senti naquela hora desgraçada (PAEZZO, 1972, p. 7).

E aos 13 anos, no ano de 1913 iniciou sua vida nas ruas cariocas, tendo que aprender a lidar com diferentes pessoas, tentando sobreviver em meios as mazelas sociais que o cercava. Ganhava dinheiro carregando compras de senhoras, comia o que conseguia comprar, às vezes consumia sobras de mercados para não ficar com fome e sempre fugindo da polícia.

Sua primeira detenção foi porque inocentemente chutou um pacote que caiu do bonde taioba, o embrulho que se abriu e espalhou o valor de 118 mil réis, o guarda julgou que João Francisco tinha roubado o pacote e por esse motivo o levou preso:

Estava passando um guarda noturno. Ele me ajudou a pegar o dinheiro todo e depois falou de quem você roubou seu moleque safado? Eu contei seu guarda o embrulho caiu do bonde e eu chutei. Ai que vi que era dinheiro. O homem resolveu imaginar que eu tinha roubado e me agarrou. Você tomou isso de algum cidadão que estava no bonde e quando pulou o embrulho caiu no chão e espanhol as notas. Agora você vai comigo pro Corpo de Segurança. [...] Fiquei nas mãos do Mano Otávio por 19 dias (PAEZZO, 1972, p. 12).

Observamos que o guarda julgou toda a situação não acreditando na história de João Francisco, possivelmente por ser negro e trabalhar nas vias públicas. Ruas estas que fizeram a persona aprender apanhar, mas também a bater “Mais tarde quando já era homem e malandro formado eu tinha ódio de me lembrar disso.” (PAEZZO, 1972, p. 12).

Trabalhou na pensão da Lapa, fazia atendimento nos bares, cozinheiro e artista nos teatros cariocas. Seu apelido Madame Satã surgiu em um de seus atos artísticos, pois no carnaval se fantasiou

de morcego sofisticado, ganhando o concurso de fantasias do Teatro da República conforme a seguinte passagem:

Animaram muito minha pessoa e então eu me candidatei e pensei numa fantasia que fosse original. Me lembrei que na minha infância tinha conhecido um *morcego* cujo seu nome era *morcego pampa* porque ele chupava sangue do gado da fazenda. Achei que *além de original podia ficar muito divino mesmo*. Reuni meus pequenos recursos financeiros e iniciei a confecção (PAEZZO, 1972, p. 59, grifos nossos).

Verificamos que a escolha da fantasia se deu por lembranças da sua infância, na qual o próprio João Francisco considerou como algo original a fantasia de morcego fazia alusão ao filme norte americano *Madame Satã*, permitindo que vencesse o concurso de melhor fantasia. Assim, após uma conversa com o Doutor Dulcídio Gonçalves que questionou a persona sobre seu apelido, na qual afirmou que não tinha. O delegado relembrou da Fantasia de João Francisco no Carnaval e desse modo a denominação *Madame Satã* foi definida e a posteriori amplamente conhecida:

- Não foi você que se fantasiou de *Madame Satã* e ganhou o desfile das bichas no República esse ano?
O Filme *Madame Satã* estava passando no Rio de Janeiro e fazia sucesso desgraçado. Eu não tinha visto e acabei não vendo nunca.
- O doutor me desculpe mas minha fantasia era de morcego.
- Que morcego que nada. Vai me dizer que você entende mais de fantasia do que os americanos? Aquilo era fantasia de *Madame Satã*.
- Não. Era de morcego.
- *Tai um bom apelido pra você. Madame Satã.*
Foi o que bastou. Mal ele mandou a gente ir embora as bichas minhas amigas saíram espalhando pra todo mundo que eu tinha sido batizado *Madame Satã* (PAEZZO, 1972, p. 64, grifos nossos).

João Francisco era morador da Lapa e amava a Lapa carioca como descrito no trecho:

Amava a minha Lapa querida. Parecia ela estava *dentro da minha pele*. Foi lá que eu bati para matar e apanhei para morrer. Lá aconteceu tudo de ruim. Mas também *saiu de lá todo o amor que me deram*. E por isso depois de virar artista consagrado pelo público e pela crítica eu não ia abandonar o meu bairro (PAEZZO, 1972, p. 2, grifos nossos).

A Lapa foi moradia do artista por diversos anos, foi o lugar que cresceu em meio às dificuldades e preconceitos, aprendeu a arte da malandragem, sentiu o amor, apaixonou-se pela arte, tornando um grande artista e malandro.

3 JOÃO E A MALANDRAGEM

Muito provavelmente devido ao contexto sociocultural da época João Francisco se define como um malandro. Entretanto faz um adendo justamente devido a mudança temporal da contextualização da denominação malandragem, como podemos ver nesse trecho onde ele próprio se autointitula:

Fui formado na malandragem. *Malandro naquele tempo não queria dizer exatamente o que quer dizer hoje*. Malandro era quem acompanhava as serenatas e freqüentava os botequins e cabarés e não corria de briga mesmo quando era contra a polícia. E não entregava a outro. E respeitava o outro. E cada um usava a sua navalha cuja melhor era sueca que custava 1.500 réis (PAEZZO, 1972, p. 17, grifos nossos).

Verificamos que Madame Satã nomeia-se como malandro, que naquela época se caracterizava como frequentadores dos bares, serenatas, cabarés, não fugia da polícia, pelo contrário a enfrentava. Os malandros usavam navalhas, mantinham um respeito mútuo entre eles, cuidavam de suas localidades para que estas mantivessem a ordem. Também é possível observamos nessa passagem nas partes em destaque que o personagem Madame Satã possui consciência das modificações do conceito malandro sofreu com o tempo. O que ocorreu foi uma desconstrução moral do termo malandro.

Segundo Rogério Durst (2005) malandragem enquanto movimento foi surgindo nos morros e no centro da cidade na década de 1920, os resquícios da escravidão surgiam a todo o momento, os trabalhos que a sociedade oferecia a filhos e netos de escravos eram trabalhos pesados e mal remunerados:

Explorar as frestas do sistema, sobrevivendo tirando dinheiro dos que tinham com mil e um golpes, ou então no baralho ou no jogo de chapinha (aquele de esconder a bolinha embaixo de uma de três cumbunquinhas para que outro adivinhasse onde estava. Era feito com três chapinhas de cervejas e uma bolinha de miolo de pão, que acabava embaixo da unha do malandro, e ninguém acertava). Havia, também, a cafetinagem, mais tarde, o esquema da proteção (inventado por Satã) (DURST, 2005, p. 51).

A opção que muitos homens tinham para tentar sobreviver foi utilizar dos atos da malandragem. Conforme a afirmação de Durst (2005) as atitudes malandras foram para sobrevivência numa sociedade com reflexos da escravidão:

Durante a década de 1930, o malandro foi rei, admirado por sua comunidade (que era tão marginalizada quando ele). Andava por lugares como a Saúde, o Cais do Porto e principalmente, a lapa, onde podia circular e “trabalhar” tranquilamente. Ele tinha até uma forma de expressão de sua cultura que era o samba. Vivendo à margem da lei e da sociedade, na valentia e na elegância para enganar os otários, evitar a polícia e

conquistar as cabrochas. O malandro tinha orgulho do que era do que fazia (DURST, 2005, p. 51-52).

Ao analisar este trecho é preciso pontuar que o conceito de malandro a partir da década de 1930 teve uma nova definição que retoma o posicionamento de Madame Satã na citação acima. Desse modo entende-se pela afirmativa de Durst (2005) que o malandro acaba sendo o anti-herói de sua comunidade, vive a margem da sociedade, tenta evitar a polícia, mas quanto há brigas não foge. A simpatia, alegria, elegância, sedução permanecem nesse malandro. Fatos estes que afirmam a posição e autodeclaração de João Francisco ao se posicionar como malandro.

A persona em toda sua obra se refere a ele mesmo como malandro, fato este exposto no trecho:

Quando eu peguei o trem em São Paulo e comecei a viagem de volta já tinha conversado comigo mesmo e resolvido comigo mesmo que não adiantava mais tentar uma profissão artística ou outra qualquer que fosse honesta porque sempre acontecia uma coisa que atrapalhava. Era melhor não pensar mais nisso pois assim a minha pessoa não sonhava mais e não sofria com os resultados que sempre eram ruins. *Tinha nascido para levar vida de malandro então que levasse rasgado* e então fui logo abrindo uma pensão na Rua Conde de Lage número 40 e botando três bonecas bichas amigas minhas para que me ajudassem a fazer o bom andamento do negócio (PAEZZO, 1972, p. 153, grifos nossos).

Verificamos que Madame Satã, enquanto retornava para o Rio de Janeiro, fazia uma reflexão de sua trajetória, tendo a conclusão que por mais que tentasse levar uma vida honesta, com uma profissão respeitada, emprego bom segundo os padrões sociais da época, não conseguia. Seu destino a levava sempre para o mesmo lugar, a malandragem, as convenções da época não a permitiam vivenciar e pertencer a esse espaço sempre a retomava ao lugar marginalizado.

Como Rogério Durst (2005) afirmou os indivíduos sem oportunidades sobreviviam utilizando as táticas ensinadas nas suas e vivência, um desses atos da malandragem aplicado por Madame Satã na sociedade carioca foi a cafetinagem com a criação de sua pensão, colocando para trabalhar três amigas que o ajudaram no desenvolvimento de seu negócio. Bem como ao saber do seu lugar e posição, assim como da sua fama de valente, possui um esquema de proteção e de troca de favores como pode ser observado na cena narrada abaixo:

Quando fiquei definitivamente famoso todo mundo sabia que eu fazia ponto no meu saudoso Café Colosso que fica localizado na Rua da Lapa. [...] Os donos do Café Colosso se mancaram e se aproveitaram da conversa e logo que cheguei pedindo um café eles me chamaram na caixa.
- Você quer ficar aqui na casa o dia inteiro?
- E vou comer capim? Não estão pensando que meu dinheiro nasce no meu quarto estão?

- Não é isso. Queremos que você fique aqui o tempo todo porque assim você evita as brigas e a freguesia fica vendo que o local é calmo e corre para cá e gasta mais.

[...]

Então começou a fase em que o Colosso faturava mais que todos os seus rivais. Se tinha briga nos outros bares os fregueses corriam para o Colosso porque sabiam que lá não ia dar nada. E os nossos frequentadores não saiam mais de lá. Malandro não se metia a minha área como eu não me metia na área de malandro nenhum (PAEZZO, 1972, p. 70-72).

Madame Satã por fama amplamente conhecida na região da Lapa, os bares começaram a pedir a presença desta em seus estabelecimentos, pois a clientela sentia mais segurança. Acreditavam que João Francisco evitava que as brigas acontecessem nos bares e cafés, fato este que o Café Colosso foi o primeiro a contratar Madame Satã para ter sua presença efetiva no recinto. A reputação do Café Colosso como lugar calmo foi grande, os clientes preferiam a segurança do ambiente do que aos demais bares.

Os demais estabelecimentos da Lapa souberam da estratégia da Cafeteria que acabaram por contratar Madame Satã para assegurar tranquilidade nos locais. Fato este que os malandros respeitavam os bares que João Francisco dava proteção, assim como a persona não se intrometia nos ambientes assessorados por outros malandros, havia um respeito mútuo entre os malandros. Madame Satã também protegia suas amigas travestis e as mulheres que sofriam alguma violência em ambientes na qual estava presente, como exposto na passagem a seguir:

As pessoas que mais apanhavam surras naquele tempo eram as bichas[...] Um dia houve uma briga num bar meu e essa briga não foi bem uma briga. Foi uma agressão sofrida por uma mulher que foi esbofeteada por um soldado da polícia. Me pegaram no Café Colosso e eu fui de carro para o local (PAEZZO, 1972, p. 72-73).

Verificamos nessa passagem que João Francisco protegia suas amigas da Lapa e as mulheres que encontrava em situação de perigo. Não tinha medo com que pudesse estar lidando, quando necessário não poupava socos e tapas. O atributo descrito por Durst (2005) era aplicado sim por Madame Satã, de certa forma essa qualidade de protetor demonstrava o caráter de João Francisco, pois ele defendia o que considerava correto e ajudava qualquer pessoa indefesa.

Um dos estudos mais relevantes a respeito do personagem malandro é o artigo *Dialética da malandragem*, de autoria do crítico Antonio Candido (1970). O referido crítico caracteriza o malandro como o indivíduo que vive fora das normas estabelecidas, utilizando seu talento para não trabalhar, desse modo tentando conseguir a ascensão social de forma facilitada.

Candido (1970), ao refutar a tese de que Leonardo, do romance *Memórias de um sargento de milícias* (1852-1853), seja um pícaro, acaba por fornecer uma definição do personagem malandro:

Digamos então que Leonardo não é um pícaro, saído da tradição espanhola; mas o primeiro grande malandro que entra na novelística brasileira, vindo de uma tradição quase folclórica e correspondendo, mais do que se costuma dizer, a certa atmosfera cômica e popularesca de seu tempo, no Brasil. Malandro que seria elevado à categoria de símbolo por Mário de Andrade em *Macunaíma* e que Manuel Antônio com certeza plasmou espontaneamente, ao aderir com a inteligência e a afetividade ao tom popular das histórias que, segundo a tradição, ouviu de um companheiro de jornal, antigo sargento comandado pelo Major Vidigal de verdade. O malandro [...] é espécie de um gênero mais amplo de aventureiro astucioso, comum a todos os folclores (CANDIDO, 1970, p. 71).

Assim, para o teórico, o malandro usa a sua esperteza e a sua inteligência, para se dar bem e se aproxima do "trickster" imemorial e de suas encarnações zoomórficas (macaco, raposa, jabuti), os quais aparecem, invariavelmente, em relatos folclóricos.

Outro estudioso que se dedicou à pesquisa da malandragem brasileira foi o antropólogo Roberto DaMatta, para ele, o malandro é um personagem deslocado, que de fato “não cabe nem dentro da ordem nem fora dela: vive nos seus interstícios, entre a ordem e a desordem, utilizando ambas e nutrindo-se tanto dos que estão fora quanto dos que estão dentro do mundo quadrado da estrutura” (1997, p. 172).

DaMatta (1997) assinala que o malandro vive entre a ordem e a desordem e não tem um lugar determinado na sociedade, pois ele transita de um polo a outro, sem se fixar em nenhum deles, corroborando com o posicionamento de Candido (1970), quando este aponta a itinerância e a transição entre a ordem e a desordem como elementos fundamentais de sua caracterização. No trecho:

A onda que corria é que iam fechar meu paletó na primeira oportunidade. Então eu achei que o clima estava muito desagradável e peguei um trem para São Paulo. Da capital paulista eu me mandei para o interior e escolhi uma localidade para ficar. (PAEZZO, 1972, p. 75).

Observamos que Madame Satã em meio a uma situação complicada vive entre a ordem e desordem; precisou fugir da sua Lapa para se safar da promessa de morte. Porém este personagem se estabelece numa localidade quando sua vida está harmoniosa “[...] A Lapa é a minha proteção e eu tenho responsabilidade” (PAEZZO, 1972, p. 69), esse trecho verificamos que um dos pontos característicos que Antonio Candido (1970) cita sobre o malandro, não se aplica a obra em análise, pois João Francisco possui um lugar determinado na sociedade, mas quando necessário transita entre os polos.

Dessarte, o comumente chamado “jeitinho” do malandro significa fazer pouco esforço para conseguir algo, buscando “atalhos” pelo caminho. Por isso, ele usa a safadeza, o engano e a trapaça em

seus atos. O jeitinho pode ser considerado como uma das facetas da malandragem que, segundo Roberto Goto (1988) sintetiza certos atributos do brasileiro:

No imaginário da sociedade nacional, [a malandragem] costuma sintetizar certos atributos considerados específicos ou identificadores do brasileiro: hospitalidade e malícia, a ginga, a finta, o drible, a manha e o jogo de cintura, muito apreciado no futebol e na política, a agilidade e a esperteza no escapar de situações constrangedoras. ligadas ao trabalho e à repressão, o “jeitinho” que pacifica contendas, abrevia a solução de problemas, fura filas, supre ou agrava a falta de exercício de uma cidadania efetiva. (GOTO, 1988, p. 11).

Ainda em relação a esses aspectos, o teórico Roberto Schwarz afirma que o malandro é um ser nacional que se enraizou na cultura brasileira. O crítico menciona a questão da ordem e da desordem, que caracterizam o universo do malandro, uma vez que resume “a regra devida de um setor capital da sociedade brasileira: o dos homens livres que, não sendo escravos nem senhores, viviam num espaço social intermediário e anômico [desorganizado], em que não era possível prescindir da ordem nem viver dentro dela” (SCHWARZ, 1987, p. 138).

DaMatta (1997) afirma que o malandro é tido como um herói trágico, que denuncia as mazelas da sociedade, não segue padrões imposto por uma classe da sociedade, é adepto ao trabalho informal. Roberto Goto (1988) cita o famoso jeitinho, utilizado se livrar de certas situações. Schwarz (1987) relata que o malandro é ser nacional, criado pela comunidade brasileira que já está inserido na cultura e vive em diversas localidades. Fatos esses que podem ser observados no trecho:

Mais brasa de charuto no meu corpo. E já tínhamos dois dias nessa agonia e loucura louca. E então acharam que melhor era botar farpas dentro das minhas unhas. E quando achavam uma idéia nova eles usavam a idéia e fizeram isso comigo e então eu senti aquela dor que ninguém pode entender qual é não sentindo ela. [...] No final do terceiro dia eu queria morrer. Se tivesse um revólver eu tinha me dado um tiro na cara. (PAEZZO, 1972, p. 107).

Verificamos nessa passagem que o anti-herói denuncia o sofrimento que passou ao ser preso, as diversas torturas que enfrentou, denunciando a forma que presos eram tratados dentro das cadeias e presídios daquela época, de certo modo assinalando as mazelas sociais. Nota-se que independente das ações de Madame Satã, este sempre cumpria suas penas, poderia fugir como muitos presos faziam durante o período de cumprimento das sentenças, mas fato este que João Francisco não praticava. Assumia seus erros e lutava por seus ideais mesmo que sofresse. Viveu entre as prisões e sua moradia na lapa, transitando entre numa vida organizada e desorganizada.

Volta-se a Antonio Candido (1970), para postular que esse foi o primeiro teórico a analisar o personagem malandro, na qual caracteriza o malandro como indivíduo que foge do

trabalho, almeja a ascensão social de forma facilitada, utiliza sua inteligência para se dar bem de forma facilitada perante uma sociedade capitalista e regida por padrões sociais. Esse imaginário do malandro é também corroborado por muitos outros teóricos como já discorrido acima.

Porém, Madame Satã em certas circunstâncias não se enquadra nessas características, muito dos seus atos considerados malandragem são para a sua própria sobrevivência, pois sujeito esse que vive na margem e precisa viver através desse preconceito, da subjugação e da limitação social, pode-se perceber que essa personagem trabalha de forma honesta, como revelado no trecho “Entrei na Pensão da Lapa ganhando 5.000 réis por mês e já tinha sido aumentado até chegar a 15.000. Isso porque sempre levei meu trabalho direitinho.” (PAEZZO, 1972, p. 18).

Madame Satã foi era uma malandra que trabalhava sim para sobreviver, comprar os objetos e bebidas que tinha vontade em adquirir, porém como Schwarz (2004) afirma o malandro não se adequa aos trabalhos regulares, preferem empregos temporários que garantem uma boa condição para viver. Fato este que nos dois fragmentos a seguir serão analisados:

Perguntaram se eu queria ser garçom da Pensão da Lapa. Pensei no Bernardo e no alumínio e no pé de escada e só respondi na hora em que disseram que eu ia ganhar 5.000 mil réis por mês. Sim eu quero sim. (PAEZZO, 1972, p. 14).

Larguei a Pensão na Lapa e fui ser ajudante de cozinheiro numa pensão que tinha na Rua Silveira Martins lá no bairro do Catete cuja a pensão era familiar mesmo. (PAEZZO, 1972, p. 20).

Nesses trechos é possível observar que João Francisco em nenhum momento de sua vida se negava a trabalhar ou aplicar golpes nas pessoas em benefício próprio, pelo contrário trabalha para se sustentar e ter moradia. Seus trabalhos não eram regulares, ficava muito tempo no estabelecimento, quando tinha uma oferta de salário melhor trocava, desse modo seus empregos eram temporários, mas nunca ficando sem. Mesmo nas prisões trabalhava como cozinheiro ou na lavanderia.

Da Matta (1997), Roberto Goto (1988) e Roberto Schwarz (1987) classificam o malandro como um “anti-herói” no qual denuncia a sociedade problemática, aquele que passa por momentos arriscados, almeja viver na riqueza, utiliza da safadeza, vive em buscar de novas aventuras, dá o famoso “jeitinho” para se safar de todas as situações.

João Francisco não almejava viver na riqueza, não aplica trapaças ou usava do “jeitinho” para escapar das situações perigosas. Porém tinha a vida repleta de aventura, denunciava os problemas sociais, narra suas façanhas, participou ativamente da construção cultura brasileira e vive entre ordem e desordem. Como descrito na passagem:

Só notamos mesmo foi empurrarem a gente dentro d'água com brutalidade e as caras dos guardas do presidio que esperavam na areia todos ele muito armados. [...] Na Ilha Grande não tinha lençol nem colcha pros presos [...] aqui não tem esses luxos não você vai ganhar uma esteira de junco ou então palha seca de banana (PAEZZO, 1972, p. 29).

Nessa passagem observa-se o relato de Madame Satã enquanto preso, demonstrando que suas ações o levaram a diversas posições e lugares. O cotidiano era armadilhas para sua existência, as aventuras de cada prisão, correndo de brigas, mas sendo entregue a elas por causa dos preconceitos e seu temperamento. Denunciando o modo desumano que era a cadeia, como era sua vivência na lapa. Vivendo entre a ordem e desordem, não possuía uma rotina, não sabia qual sua ação nos próximos dias, era considerado malandro, pois sua vivência e sua identidade não eram aceitas dentro dos padrões da “normalidade”, assim pode-se dizer que aqueles que vivem fora do padrão são jogados a marginalidade.

Assim, ao se tratar de uma obra literária, formada no seio social, essa representa referências culturais e sociais, e seja o texto ficção propriamente dita ou autobiografia em algum nível é imitação, pois tudo aquilo que é feito é imitação de algo e tudo que se é criado é por intermédio da representação.

Nesse aspecto é possível perceber, apesar de focarmos na representação do malandro, Madame Satã nos permite várias outras elucubrações, sobre o cenário (Rio de Janeiro/Lapa), mas também sobre as mazelas e preconceitos do transvestimento, como no trecho a seguir: “Adeus para tudo. Menos adeus para minha Lapa querida. Amava a minha Lapa querida. Parecia que ela estava dentro da minha pele. Foi lá que eu bati para matar e apanhei para morrer” (PAEZZO, 1972, p. 2). Na questão formação identitária da personagem é possível observar traços característicos como a influência geográfica, como o uso da performance artista e dos artifícios da malandragem não só como forma de sobrevivência, mas também como formação de sua pessoa.

Pois, como afirma Giovanna Dealtry (2009), a palavras malandragem, malandro (a) expressam o sentido de engano, chantagem e ameaça, apresentam um indivíduo que utiliza a sedução, esperteza para convencimento. Desse modo, tem-se uma ampliação do discurso do malandro, que pode ser analisado pela perspectiva da forma como aborda suas vítimas, o modo como emprega suas táticas de convencimento, sua vestimenta e o vocabulário que utiliza. Como se pode observar no trecho a seguir:

A plateia começou a rir e o Ferreirinha se distraiu um pouco com as piadas e eu aproveitei e pulei sobre ele e peguei logo a mão do revólver e com facilidade a arma estava na minha mão. Ele olhava o revólver e olhava para a minha cara e meio da assistência tinha uma mulher querendo ver a caveira dele pois estava pedindo pra mim matar ele. Eu achei graça e fui para o lado de fora do restaurante e atirei nos quatro

pneus do carro dele e furei todos eles. Aí voltei pra dentro do recinto. (PAEZZO, 1982, p. 56).

Observamos que o malandro João Francisco aproveitou uma distração do personagem Ferreirinha para demonstrar suas táticas malandras. Uso da esperteza ao se aproveitar do momento de distração para pegar a arma de fogo; fui astuto, convincente e chantagista o encarar sua o pobre homem, fazendo que este achasse que o mataria; utilizou o engano e inteligência no momento em que ludibriou Ferreirinha e toda a plateia tento foi feito atirar nos pneus do carro e não na vítima. Desse modo as características descritas por Giovanna Dealtry (2009) foram aplicadas no ato da malandragem.

Ao misturar e descrever sua vida como palco e esse como uma continuidade de uma fantasia, podemos também inferir sobre uma metarepresentação da própria persona:

Animaram muito a minha pessoa então eu me candidatei e pensei numa fantasia que fosse original. Me lembrei que na minha infância tinha conhecido um morcego cujo seu nome era morcego pampa porque ele chupava sangue do gado da fazenda. [...] No começo eu hesitei mas depois imaginei que ninguém ia imaginar que eu tivesse usado fita de caixão de defunto no Carnaval e então comprei as fitas e confeccionei deixando o resto por conta de Deus Nosso Senhor. Quando a fantasia ficou pronta e vesti ela nem eu reconheci as fitas douradas. E achei que podia fazer muito sucesso no desfile. Até furor. Um luxo (PAEZZO, 1972, p. 59-60, grifos nossos).

Nessa passagem Madame Satã relata que motivo de sua escolha pela fantasia original de morcego, pelo fato de relembrar sua infância. Sua vestimenta foi elaborada com resto de materiais, colocando muito brilho, na qual ficou luxuosa e obteve a conquista almejada, ganhou o concurso de melhor fantasia de Carnaval.

As lembranças de João Francisco construíram toda a obra de Paezzo (1972) sendo um autêntico relato de memória descrito pelo próprio persona. Desse modo, as características do malandro descritas pela Madame Satã são acionadas pela memória, aspectos de suma importância para compreender como o gênero do livro foi construído. Assim, o próximo tópico aborda a importância dessas memórias na construção da história da persona.

4 RECORDAR E REPRESENTAR

Maurice Halbwachs (2013) afirma que o indivíduo que possui lembranças é sempre um sujeito inserido que habita os grupos de referências, a memória é construída em grupos, na qual é um trabalho deste ser retomá-las. Um traço de rememoração pode permanecer em dado abstrato, que ainda irá

formar, permanecer e finalmente se tornar uma lembrança viva. Os trajetos dependem da ausência ou presença de outros indivíduos que constituem o grupo de referência.

O grupo de referência o qual o sujeito está inserido e que estabelece vínculo de pensamentos, relatos, identifica e uniu-se com o passado. O grupo está presente pela possibilidade que o sujeito tem de retomar os modos de pensamentos e vivência comum pelo próprio do grupo. A capacidade de desenvolver experiência das relações sociais desta turma dá a vitalidade para as imagens que formam a lembrança. Segundo Halbwachs (2013) a lembrança é sempre resultado de um processo coletivo e está introduzida num contexto social preciso.

Ainda de acordo com Halbwachs (2013) as lembranças são traços de rememoração que encontram abstratos por um período, e depois se tornam lembranças. O sociólogo afirma que as lembranças são constituídas por fatos marcantes integradas por um grupo referencial, de modo que as recordações são vividas pelo ciclo de amizade. João Francisco relata sua trajetória de vida contando detalhadamente para o jornalista Sylvan Paezzo:

Quando eu era menininho e morava com meu pai e minha mãe um dia apareceram três menininhos lá na fazenda e brinquei com eles. Aí eles voltaram outro dia e mais outro e nós ficávamos correndo pelo campo e eu me atrasava para o jantar e meu pai perguntava o que eu estivera fazendo e eu dizia que estava brincando com esses meninos (PAEZZO, 1972, p. 47).

Verificamos a existência dessa memória constituída pelo grupo referencial, pois o relato demonstra que o fato marcante na vida de João Francisco teve a presença de três crianças, o grupo referencial. A rememoração que era abstrata foi formada por imagens do passado, compartilhada com amigos. Fato este que forma a lembrança viva recordada por Madame Satã.

Desse modo, a memória é sempre construída em grupos, sendo que as lembranças individuais iniciam a memória coletiva “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (HALBWACHS, 2013, p. 30), o trabalho do indivíduo no processo de rememoração não é desprezado, observado que “lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós” (HALBWACHS, 2013, p. 30). As lembranças são consequências do processo coletivo, que estão dentro do contexto social de cada sujeito.

O sociólogo descreve a contribuição da memória coletiva no processo de rememoração. No trecho:

Uma ou mais pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até

reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso (HALBWACHS, 2013, p. 31).

Verificamos que é preciso determinar que para recordar um marco do passado, é preciso que o sujeito tenha consigo algum fragmento da rememoração para que em conjunto a indícios exteriores se constitua a lembrança. Para Halbwachs (2013) só pode falar de memória coletiva se recordar de eventos que fizeram parte da vida do grupo a qual este sujeito está inserido. No método de rememoração é preciso que as informações sejam comuns entre os componentes desse grupo.

A memória individual é derivada da memória coletiva, atos esses que são dependentes um dos outros. Assim a formação da lembrança depende de histórias vivenciadas por um grupo onde exista uma relação afetiva. Madame Satã em seus relatos demonstra que lembranças foram compartilhadas com amigos. Como podemos comprovar essa formação no trecho a seguir:

Lacraia e os outros amigos não moravam nos cestos. Eles eram criados pela Catita sendo que Catita foi a mulher mais famosa que a Lapa já teve. Sempre que botavam fogo no cesto em que eu dormia eu contava para minha turma e tinha briga. *A gente era criança, mas sabia que tinha que se unir para que nos respeitassem. Ou acabavam com a gente.* E não só os moleques inimigos experimentaram nossa união. Adultos também. Uma vez ganhei seis tostões e estava com uma fome enorme e por isso entrei na Padaria Monroe e pedi três pães dormidos pro Bigodão. Ele era italiano e dono do estabelecimento. Em vez de me dar três me deu quatro pães. Pensei que era bondade e fui embora. Alguém alertou ele e ele me chamou. Voltei inocente e já mastigando um pão. O italiano me pegou pelo braço e tomou tudo e me chamou de ladrão e me bateu. *Fui embora e contei para o pessoal. Voltamos lá e simplesmente quebramos a Padaria Monroe toda.* (PAEZZO, 1972, p. 10, grifos nossos).

Observamos que nessa passagem que a memória de Madame Satã foi constituída pelo grupo referencial. O vínculo afetivo que se tem no relato é marcado pelos amigos se defenderem em conjunto de qualquer situação, nesse caso devido a injustiça do dono da padaria. A proteção dos amigos demonstra que não era necessário a verbalização de declaração como “eu te amo”, mas o gesto acolhimento, segurança, parceria revela o carinho mútuo.

A lembrança individual nesse trecho foi ativada pela memória coletiva, pois essa conforme Halbwachs (2013) são interligadas. Fatos estes que são passíveis de se comprovar nos traços de cada na passagem grifada à cima. O relato formado por episódios marcantes na vida de João Francisco, na qual considerou necessário relembrar na obra.

Verificamos que a memória individual refere-se às percepções produzidas pela memória do grupo, o convívio em turma atua como formação para a memória individual, na qual carrega traços dessa memória coletiva. Assim a memória individual sofre influências da memória coletiva, sendo mais tensa e menos inclusiva. A memória marca mais com fatos vivenciados é uma reconstrução do passado

realizada com informações do presente e é considerando esse aspecto da memória que a biografia deve se perfazer.

Pois, como François Dosse esclarece “O biográfico deve mobilizar, ao mesmo tempo, os dados objetivos concernentes à sua personagem e o exame da produção de identidade, os diversos modos de apropriação desse material biográfico pelo indivíduo e pela sociedade” (2015, p. 317).

O texto narrativo é construído de relatos de memória do próprio autor. Lejeune (2017, p. 27) afirma que no pacto autobiográfico, a “autobiografia (narrativa que conta a vida do autor) pressupõe que haja *identidade de nome* entre o autor “cujo nome está estampado na capa, o narrador e a pessoa de quem se fala”. Estas características permitem distinguir a autobiografia das obras de ficção e dos romances autobiográficos:

Era 1928. Eu tinha 28 anos de idade porque eu nasci no mesmo ano em que o século veio ao mundo. E não desconfiei da felicidade demais. Deixei correr frouxo. Já tinha apanhado tanto da danada da vida que pensei lá na minha cabeça que tinha chegado a minha boa hora. Aquela demagogia de que há mal que sempre dure e que depois da tempestade vem a bonança (PAEZZO, 1972, p. 1).

Verificamos que o relato de João Francisco é uma autobiografia, conforme o conceito de Lejeune (2017), pois todo fragmento se concentra no relato do próprio autor, no qual expressa sua identidade, sentimentos e memórias. O trecho citado, inicia os relatos do autor no livro *Memórias de Madame Satã*, de Sylvan Paezzo, e o inicia também como o Narrador.

E para Walter Benjamin, “O narrador figura entre os mestres e os sábios” (1987, p. 221), pois o narrador sabe dar conselhos para os diversos os casos, assim como os sábios. O narrador tem o poder de contar sua história da forma como ele desejar, sendo justo em suas transcrições e as experiências estão vinculadas aos seus conhecimentos adquiridos. O dom do narrador é poder contar de maneira única a história, deixando o leitor livre para interpretar. Como se pode observar nesta passagem:

Acabou. Tenho a impressão de que ainda vou viver muito tempo embora ande preocupado com uma coisa. Outro dia eu sonhei com um dos três molequinhos que eu só via quando era menino e que apareciam nos meus sonhos de adultos. [...] E quando faltava um instantezinho para eu acordar eu tive a impressão de que estava numa guincha. Acabou (PAEZZO, 1972, p. 207).

O fragmento apresentado expõe que o narrador contou a história sendo honesto em suas transcrições, sábio na forma como revela ou escondia fatos, para que deixasse o leitor interpretar de maneira independente. Fato este que o final dos relatos de Madame Satã fica em aberto

ao leitor, a obra não revela o final de João Francisco, se ele morreu? Qual o significado desses três molequinhos? Ficando desse modo, a critério do leitor analisar e chegar a uma conclusão.

Assim, a memória constrói a identidade do indivíduo, armazenando informações e experiência para que o narrador possa contar em seus escritos. Segundo os relatos Le Goff (1990), a memória individual dificilmente pode ser compartilhada, pois cada indivíduo possui recordações próprias e únicas. Já Pierre Nora (1978) define a memória coletiva como lembranças vividas em um passado compartilhado com os grupos. Zilá Bernd parte para o conceito de memória cultural enquanto a memória que “incorporaria os elementos que pertencem à esfera do sensível e do simbólico e que escapam aos registros hegemônicos do poder e sua tentativa de construção de uma identidade nacional em termos de totalização” (BERND, 2017, p. 245).

A memória cultural na obra é demonstrada quando o malandro relata parte de sua rotina, analisada em única perspectiva, a do protagonista; a memória coletiva exposta nas lembranças compartilhadas e vivenciadas juntos com amigos ou grupos; por fim, a memória individual aparece nos momentos conflitantes e sentimentais, nos quais Madame Satã exprime toda sua insatisfação e sensibilidades perante as injustiças. Como se pode observar no seguinte trecho:

- O *veado* não vai dizer nada?
- *Porque o senhor está fazendo isso comigo?* Apenas entrei aqui para fazer uma refeição.
[...] Então sentei de novo e abaixei a cabeça de tão humilhado e envergonhado e vi o sangue chegando na minha calça almofadinha.
- *Veado tem que entrar na porrada mesmo* (PAEZZO, 1972, p. 23-24, grifos nossos).

Nesse fragmento é possível observar que a memória individual é difícil em ser analisada separadamente da memória coletiva, pois ambas são dependentes, porém é marcante o traço individual quando o personagem demonstra sua frustração. Essa lembrança foi vivenciada por um grupo referencial, na qual expõe a rotina da persona e as pressões impostas sobre esse grupo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando os aspectos da memória e do malandro presente na obra é possível concluir que os elementos da formação da identidade, juntamente com o contexto da época e suas especificidades a personagem pode ser considerada malandra, mas com o adendo que esse devido a história de vida, bem como as características biográficas. João era um sujeito marginal, que foi colocado na margem (foi marginalizado), pois sua pessoa não cabia no seio social, assim as condições o encaminharam para isso, o sujeitaram a essa alcunha visto que naquela época, negro, artista, travesti, para exteriorizar sua vivência e sua persona, pagava alto preço, só restava o caminho de sobrevivência via malandragem.

Essa representação por sua vez se dá conforme a construção de uma memória individual que passou pela coletiva, ou seja, que depende da memória coletiva para existir, sendo ambas dependentes uma da outra. Verifica-se na obra que a memória individual de João Francisco foi constituída por lembranças vivenciadas pelo seu grupo referencial e principalmente pelo seu contexto geográfico e temporal, visto que a Lapa é o João e o João é da Lapa, assim como os percursos típicos de malandragem serviam a sua existência num contexto onde essa persona pela memória coletiva era qualificada como malandro.

6 REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- BERND, Zilá. Vestígios / rastros memórias. In: GONZÁLES, E.P; COSER, S; *Em torno da Memória: conceitos e relações*. Porto Alegre: Editora Letra1, 2017.
- BERND, Zilá. *A persistência da memória em textos literários*. Romances da anterioridade e seus modos de transmissão intergeracional. Porto Alegre: Edições BesouroBox Ltda, 2018.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2014.
- CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem (Caracterização das “Memórias de um sargento de milícias”). *Revista do instituto de estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 8, p. 67-89, 1970.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.
- DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida*. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandro e heróis*. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.
- DEALTRY, Giovanna Ferreira. *No fio da navalha: malandragem na literatura e no samba*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.
- DURST, Rogério. *Madame Satã: com o diabo no corpo*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- GOTO, Roberto. *Malandragem Revisada*. Campinas: Pontes, 1988.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.
- LE GOFF, Jaques. Memória. In: *História e memória*. Trad. B. Leitão e I. Ferreira. Campinas: Ed. Da Unicamp, 1990. p. 423-483.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Tradução: Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LEJEUNE, Philippe. *Les brouillons de soi*. Paris: Seuil, 2008.

NORA, P. Mémoire collective. In: LE GOFF, J. et al. (org.). *La nouvelle histoire*. Paris: Retz, 1978.

PAEZZO, Sylvan. *Memórias de Madame Satã*. Rio de Janeiro: Editora Lidador, 1972.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. (org.) *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?* Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Title

Representation and memories of trickery, in *Memórias de Madame Satã*, by Sylvan Paezzo.

Abstract

The book entitled *Memórias de Madame Satã* (1972), written by Sylvan Paezzo, the protagonist narrates his story to the journalist Sylvan Paezzo himself. Nicknamed Madame Satã, he faced racism and prejudice for being black, artist and transsexual. And because of their experiences received nickname of roguish, the roguish according to Antonio Candido (1970), is an individual who lives outside the norms set by society, standing between order and disorder. João Francisco dos Santos describe in detail the facts experienced, that is, triggers his memory to tell about his life, Le Goff (1990) affirms that memory is a property that stores information and a set of psychic functions, in which man can update knowledge and experiences. Considering these aspects, the research objective to analyze the representation of the rascal in the book *Memórias de Madame Satã* (1972), by Sylvan Paezzo, identifying the construction of the character, the memories and their representation in Brazilian society, as rascal, artist and person. Therefore, of bibliographic nature, the research will have as theoretical support, the studies of Antonio Candido (1970), DaMatta (1997), Roberto Schwarz (1987), Roberto Schwarz (1987), Le Goff (1990), Pierre Nora (1978), Maurice Halbwachs (2013), François Dosse (2015), Zilá Bernd (2017), among others.

Keywords

Madame Satã, Memories, Trickery, Representation.

Recebido em: 01/07/2021.

Accito em: 23/08/2021.